

A ASCENSÃO DO DRAGÃO MARINHO: A ESTRATÉGIA CHINESA PARA SUA EXPANSÃO TERRITORIAL MARÍTIMA

The Rise Of The Sea Dragon: The Chinese Strategy For Its Maritime Territorial Expansion

Cleverson Aparecido Fernandes

Mestre em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Brasil

cleverson.fernandes@unemat.br

Vinicius Modolo Teixeira

Doutor em Geografia, Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, Brasil

vinicius.teixeira@unemat.br

Kárita de Fátima Araújo

Doutora em Geografia, Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Brasil

karitafaraujo@hotmail.com

Recebido: 17/06/2026

Aceito: 20/08/2026

Resumo

A expansão do poderio marítimo da China, sustentada por uma estratégia naval cuidadosamente elaborada, constitui elemento central de sua ascensão como potência global. Este artigo analisa a evolução da doutrina naval da Marinha do Exército de Libertação Popular (MELP) sob perspectiva geopolítica, investigando os fatores que impulsionaram sua transformação e os impactos na atuação de Pequim nas águas globais. A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseia-se em análise documental dos Livros Brancos de Defesa da China (2015 e 2019) e revisão bibliográfica especializada. A análise histórico-comparativa identificou três fases distintas: *Near-Coast Defense* (defesa costeira), *Near-Seas Active Defense* (defesa ativa dos mares próximos) e *Far-Seas Protection* (proteção dos mares distantes). Cada etapa representa avanços tecnológicos e, sobretudo, reorientação geopolítica que amplia progressivamente o raio de ação da MELP, desde a proteção do litoral até a projeção de poder no Oceano Índico e Pacífico Ocidental. Os resultados indicam alinhamento entre a transição doutrinária e os interesses econômicos chineses, notadamente no contexto da Iniciativa do Cinturão e Rota, embora persistam limitações operacionais e logísticas que desafiam a consolidação plena da *Far-Seas Protection*.

Palavras-chave: Estratégia Naval, China, Near-Coast Defense, Near-Seas Active Defense, Far-Seas Protection.

Abstract

The expansion of China's maritime power, supported by a carefully crafted naval strategy, is a central element of its rise as a global power. This article analyzes the evolution of the naval doctrine of the People's Liberation Army Navy (PLAN) from a geopolitical perspective, investigating the factors that drove its transformation and the impacts on Beijing's actions in global waters. The research, with a qualitative approach, is based on documentary analysis of China's Defense White Papers (2015 and 2019) and a specialized literature review.

Historical-comparative analysis identified three distinct phases: Near-Coast Defense, Near-Seas Active Defense, and Far-Seas Protection. Each stage represents technological advances and, above all, a geopolitical reorientation that progressively expands the PLAN's radius of action, from coastal protection to power projection in the Indian Ocean and Western Pacific. The results indicate alignment between the doctrinal transition and Chinese economic interests, notably in the context of the Belt and Road Initiative, although operational and logistical limitations persist that challenge the full consolidation of Far-Seas Protection.

Keywords: Naval Strategy, China, Near-Coast Defense, Near-Seas Active Defense, Far-Seas Protection

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a República Popular da China emergiu como um dos atores mais influentes no sistema internacional, não apenas por seu dinamismo econômico, mas também pela progressiva afirmação de seu poder militar. Entre as dimensões mais significativas dessa ascensão, destaca-se a reconfiguração de sua estratégia naval, que deixou de ser meramente costeira para assumir contornos globais. Esse movimento, longe de ser improvisado, reflete um projeto de Estado cuidadosamente planejado, cujo objetivo central é assegurar a proteção dos interesses chineses em águas cada vez mais distantes de seu território.

Compreender a expansão marítima da China exige mais do que a contabilização de seus meios navais ou a descrição de suas capacidades bélicas. É necessário investigar as concepções estratégicas que orientam essa transformação, os documentos oficiais que a legitimam e os pensadores militares que a conceberam. Nesse contexto, a reorientação estratégica da Marinha do Exército de Libertação Popular (MELP), se organizou progressivamente sob três eixos: A *Near-Coast Defense*, direcionada à defesa das águas litorâneas e territoriais; a *Near-Seas Active Defense*, que avança seu escopo de defesa para a operação no Mar do Sul da China e regiões próximas; e, por fim, a *Far-Seas Protection*, que aspira assegurar a presença e a capacidade de resposta de atuação da Marinha em mares distantes. Tal estratégia visa conectar o país às rotas comerciais globais e seus interesses em outros continentes, alinhada com as dimensões econômicas e políticas atuais de Pequim. Cada uma dessas fases corresponde não apenas a um salto tecnológico, mas também a uma nova compreensão do papel geopolítico que a China pretende desempenhar no cenário global.

O presente artigo propõe-se a analisar essa trajetória à luz da geopolítica e da estratégia, buscando identificar os fatores que impulsionaram a evolução doutrinária da

MELP e os efeitos dessa transformação sobre o equilíbrio de poder regional e internacional. Parte-se da premissa de que a expansão naval chinesa está intrinsecamente vinculada à sua percepção de vulnerabilidades históricas, à necessidade de proteger rotas comerciais vitais e à ambição de consolidar-se como potência marítima de primeira grandeza. Para tanto, a pesquisa adota abordagem qualitativa, apoiada em fontes primárias, como os Livros Brancos de Defesa da China, e em extensa literatura especializada sobre o tema.

O artigo está organizado em três seções principais. A primeira detalha os procedimentos metodológicos adotados. A segunda, subdividida em duas partes, examina a evolução histórica da doutrina naval chinesa e analisa as ambições estratégicas e os desafios geopolíticos enfrentados pelo país. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados da pesquisa e apontam implicações para o futuro da projeção marítima da China no tabuleiro global.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa adota como metodologia a análise qualitativa, focada na utilização de documentos oficiais, como o Livro Branco de Defesa da China de 2015 e 2019, e em literatura especializada na discussão da geopolítica chinesa, com o uso de artigos acadêmicos, relatórios de *think tanks* e de centros especializados em segurança internacional. Nesse sentido, foi pensada em dois aspectos: primeiro, através de análise histórico-comparativa, que permite identificar as fases de evolução da doutrina naval da China, desde a *Near-Coast Defense*, evoluindo para a *Near-Seas Active Defense*, até atingir o estágio da *Far-Seas Protection*; segundo; a análise geopolítica, cujo foco está voltado a compreender a expansão marítima da China e sua atuação estratégica no Mar do Sul da China (MSC), Oceano Índico e os corredores comerciais globais.

No que correspondem às fontes secundárias, elas abrangem as obras de pesquisa de referência internacional, bem como publicações militares relacionadas ao Exército de Libertação Popular (ELP). O foco da pesquisa está na análise dos fundamentos estratégicos que norteiam a estratégia marítima da China no novo milênio e restringe-se ao escopo geopolítico e estratégico, sem recorrer, entretanto, a técnicas quantitativas que mensuram as capacidades operacionais e números de unidades da Marinha do Exército de Libertação Popular (MELP). Os componentes metodológicos empregados ao estudo da doutrina naval da China, podem ser visualizados através do Quadro 1, abaixo.

Quadro 1: Metodologia Aplicada ao Estudo da Doutrina Naval Chinesa.

Componente	Categoria	Descrição	Finalidade na Pesquisa
Abordagem	Qualitativa	Baseada na interpretação de dados teóricos e documentais, busca compreender os processos estratégicos e doutrinários da marinha chinesa	Entender a lógica formativa e a intencionalidade geopolítica da doutrina naval da China
Modelo de Análise 1	Histórico-Comparativo	Analisa a evolução da doutrina naval chinesa em três fases: <i>Near-Coast Defense</i> , <i>Near-Seas Active Defense</i> e <i>Far-Seas Protection</i>	Contextualizar a transformação doutrinária da MELP ao longo do tempo
Modelo de Análise 2	Geopolítico-Estratégico	Avalia como os interesses estratégicos da China moldam sua presença marítima, regional e global	Compreender o alinhamento entre expansão naval e ambições geopolíticas chinesas
Técnica de Pesquisa 1	Análise Documental	Exame de fontes oficiais como o Livro Branco da Defesa (2015), diretrizes da MELP e documentos do ELP	Identificar fundamentos institucionais e estratégicos da doutrina naval
Técnica de Pesquisa 2	Revisão Bibliográfica	Estudo de autores como Xiaosong, Li, Holmes, Erickson e centros como CSIS, RAND, etc	Fornecer suporte teórico e ampliar o diálogo acadêmico sobre o tema
Fontes de Dados	Primárias e Secundárias	Documentos oficiais, relatórios militares, artigos acadêmicos, livros e publicações de <i>think tanks</i>	Garantir rigor empírico e fundamentação analítica multidimensional
Foco da Análise	Doutrina Naval chinesa	Investiga como as diretrizes navais da China estruturam sua projeção de poder marítimo em contextos regionais e globais	Demonstrar como o poder naval chinês atua como instrumento de afirmação estratégica global

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Do Litoral ao Oceano: Os Pilares da Transformação Naval da China

A transformação estratégica da Marinha do Exército de Libertação Popular (MELP) está vinculada diretamente com as alterações internas e externas que moldaram a postura militar da China ao longo das últimas décadas. Com uma tradição milenar, a marinha chinesa viu-se diminuída e subjugada nos últimos séculos, tornando-se apenas um esboço do que havia representado antes da hegemonia europeia no período compreendido entre os séculos XVI e XX. A retomada de sua capacidade militar só foi conseguida após a superação das crises internas que abalaram o país no século XX. Porém, mesmo após a

Revolução Chinesa, em 1949, sua marinha permaneceu como o menor contingente dentre as forças armadas do país, sendo relativamente inferior ao exército e aeronáutica até meados dos anos 1990.

Essa situação é revelada na edição de 2015 do Livro Branco de Defesa da China (2015), no qual é apresentado um panorama da história da MELP. O documento destaca que, no intervalo entre as décadas de 1950 e 1970, as atuações marítimas da MELP transformaram-se substancialmente, pois, estavam em sua maioria concentradas na região costeira do país, em uma posição de inferioridade frente aos seus vizinhos. Contudo, a partir da década de 1980, observa-se uma transformação importante no processo de evolução de suas atividades de defesa marítima, com o gradual aumento da capacidade e da área operacional pretendida pelo país (China, 2015).

Esse marco tem conexão com as críticas feitas pela Comissão Militar Central (CMC), a mais alta organização de defesa nacional da República Popular da China, após o breve conflito entre seu país e o Vietnã em 1979, quando avaliaram as causas das severas baixas sofridas como resultado de seu exército superdimensionado e mal preparado. Além disso, ficou patente a fragilidade do país no enfrentamento contra um ator regional, que em outra eventual crise, tornar-se-ia ainda mais difícil. Nesse sentido, a orientação estratégica da China voltou-se para a sua preparação no enfrentamento de conflitos de nível global, sobretudo após o declínio da União das Repúblicas Socialistas Soviética e o estabelecimento de relações cordiais com a emergente Rússia, permitindo que sua atenção fosse plenamente direcionada à sua fronteira marítima (Cole, 2014).

A partir desse panorama, o Almirante Liu Huaqing, emerge como figura central para compreender as modificações na estratégia naval da China. Ele procurou romper com as tradições de “Grande Infantaria” na qual o ELP se baseava, apoiando a estruturação de uma força naval com foco a operar globalmente, redefinindo os pilares doutrinários e operacionais nos quais a estratégia naval contemporânea da China está baseada (Hartnett, 2014).

A importância de Liu para compreender a reorientação pela qual passou a marinha chinesa é tamanha, que o Almirante pode ser considerado como o “pai” dos porta-aviões da MELP, tendo sido o responsável pela introdução desse tipo de embarcação em sua marinha e um dos articuladores para a aquisição do casco de um antigo navio soviético, o qual seria transformado no primeiro porta-aviões chinês, o *Liaoning* (Galante, 2024).

Nessa perspectiva, os dados que o Livro Branco de Defesa de 2015 nos apresentam, demonstram não somente essa transformação técnica, mas, ratificam que a estratégia

naval da China está ligada a reorientação mais ampla do país em sua postura geopolítica, que se iniciou sobretudo a partir dessas rupturas históricas e doutrinárias (China, 2015). Segundo Li (2009), o Almirante Liu foi também responsável pela modernização da MELP, organizando-a em três fases distintas e sucessivas: a *Near-Coast Defense*, a *Near-Seas Active Defense* e a *Far-Seas Protection*. Cada uma dessas fases indica progressão em grau crescente de desempenho tático e operacional de projeção de poder que a MELP esteve envolvida, alargando suas áreas de operação à medida em que incorporava meios navais condizentes com suas pretensões estratégicas.

Esse arranjo não somente moldou a transformação técnica e organizacional da marinha, como também determinou a ampliação da presença naval chinesa nas águas de seu entorno estratégico. Nesse sentido, Holmes e Yoshihara (2018), destacam que inicialmente, entre os anos de 1950 e 1980, a marinha chinesa estava baseada em uma estratégia chamada de *Near-Coast Defense* (Defesa Costeira). Essa postura visava o emprego sincronizado de todos os recursos possíveis para poder exercer o poder marítimo de maneira mais efetiva em sua zona costeira, e em caso de emergência de um inimigo, a sua contenção seria pela busca de um desgaste progressivo, de modo a neutralizá-lo gradualmente. Isso exigiria capacidades estratégicas para detectar e eliminar o adversário, modificar o equilíbrio de poder, adaptar as conjunturas táticas e finalizá-lo, usufruindo no momento certo da posição tática de contra-ataque.

Observa-se que essa estratégia está calcada na espera da vulnerabilidade inimiga, o que é bastante questionável. Nesse sentido, segundo Li (2009), tornava-se imperativo romper com um comportamento mais defensivo, de uma marinha eminentemente costeira, para uma orientação mais proativa, visando águas mais distantes e evitando também a aproximação de inimigos de seu território continental. No entanto, devemos lembrar que a marinha chinesa, nos anos 1980, ainda estava baseada em poucas e limitadas embarcações e para dar o passo seguinte, precisaria, também, superar essas limitações técnicas.

Na concepção de Li (2009), essa postura foi materializada com a adoção da doutrina “*Near-Seas Active Defense*” (Defesa dos Mares Próximos), cujo conceito foi pessoalmente formulado pelo Almirante Liu Huaqing, em que estabeleceu a definição de defesa ativa. Ou seja, na visão do autor, esse ponto é central na orientação estratégica da China, modificando-se para uma postura mais assertiva ao romper com o paradigma de defesa costeira passiva.

Segundo Xiaosong (2013), o ELP define como doutrina de *Near-Seas Active Defense*,

a postura naval na qual a abordagem defensiva está voltada a resguardar a soberania nacional e dos recursos estratégicos da China, tendo como foco a região marítima próxima ao país. Como apontam Rice e Robb:

“[...] o foco principal da Defesa dos Mares Próximos é se preparar para lutar e vencer guerras locais informatizadas nos mares próximos, que incluem o Mar Amarelo, o Mar da China Oriental, o Mar da China Meridional e áreas dentro e ao redor da primeira cadeia de ilhas. (2021, s/p, tradução nossa)

Contudo, embora o conceito de *Near-Seas Active Defense* estabeleça uma posição operacional mais avançada do que a *Near-Coast Defense*, ele não atinge regiões como o Pacífico Sul e o Oceano Índico, e ratifica uma orientação regional de operação da MELP. Ciente dessa condição, seus planejadores ainda previam que a China poderia ficar vulnerável em suas rotas de abastecimento e comércio que se estendem para além dessas regiões, acarretando problemas futuros.

No que tange as capacidades operacionais da marinha chinesa, a consolidação da doutrina *Near-Seas Active Defense* vem conjuntamente com melhorias qualitativas e quantitativas dos meios navais empregados pela MELP desde os anos 1980. Entretanto, tais melhorias não asseguravam uma projeção de poder para muito além das águas regionais, até meados dos anos 2010. A partir dessa década, a MELP buscou investir ainda mais em capacidades de seus meios navais, visando o alargamento de seus horizontes operacionais, para atingir o status de “marinha global”. Nessa perspectiva, o conceito de “marinha global” é definido pelo seu potencial de mobilizar navios para inúmeras missões em águas internacionais e agir de maneira regular, ainda que não necessariamente em regiões distantes do território chinês (Rice; Robb, 2021).

A transição estratégica para uma postura mais ofensiva, que fosse além de suas águas próximas, de acordo com Rice e Robb (2021), está detalhada na versão mais recente do Livro Branco de Defesa da China, de 2019, o qual ratificou que a MELP iria intensificar sua evolução doutrinária, passando para a uma condição chamada de *Far-Seas Protection* (Proteção dos Mares Distantes) (China, 2019).

Segundo Rice e Robb (2021), atualmente, as operações da MELP em regiões de *Far-Seas Protection* estão concentradas ao norte do Oceano Índico e no Pacífico Leste, em especial na região além da primeira cadeia de ilhas do Mar do Sul da China, área intitulada por fontes da ELP como “região dos dois oceanos”, descrevendo-as como “áreas estratégicas”. Nesse contexto, as áreas de atuação marítimas também se ampliaram, ratificando o alcance geoestratégico da Marinha da China (Rice; Robb, 2021). Entretanto, os autores destacam que ainda há obstáculos a serem superados no que tange as

modernizações das capacidades operacionais do país, o que demanda uma evolução gradual de implementação.

A China, ao alargar suas áreas de operações para os mares distantes, vincula sua estratégia ao grande esforço contínuo do país em avançar seu projeto de modernização naval, iniciado na década de 1980. Assim, ao longo dessas quatro décadas, a MELP ampliou consideravelmente suas capacidades operacionais, adotando embarcações e armamentos com sistemas tecnológicos avançados e multifuncionais, atualmente comparados às marinhas ocidentais, quanto às suas capacidades e quantidades (O'rourk, 2025).

A transição da doutrina naval da China, não pode ser resumida somente pela inovação tecnológica e pela maximização de suas capacidades operacionais. Ela é, sobretudo, reflexo da introdução da *Far-Seas Protection* como doutrina que simboliza sua ambição geopolítica. Contudo, como bem ressaltam Erickson e Collins (2012), a doutrina não deve ser interpretada erroneamente como que a China tenha obtido capacidades navais em águas azuis totalmente operacionais, mas, como uma ampliação dessas capacidades e a possibilidade de atuação em alto mar. A figura a seguir, representa a distinção estrutural precisa entre “*Near Seas*” e a “*Far Seas*”. Enquanto a *Near Seas* opera entre Mar do Sul da China, Mar do Leste e o Mar Amarelo, regiões na qual a China tenta firmar seu domínio regional e limitar a projeção de poder de outras potências como os Estados Unidos, a *Far Seas* representada pela cor cinza-claro no mapa, materializa as zonas de interesse estratégico e sua visão em ampliar suas operações para o indo-pacífico.

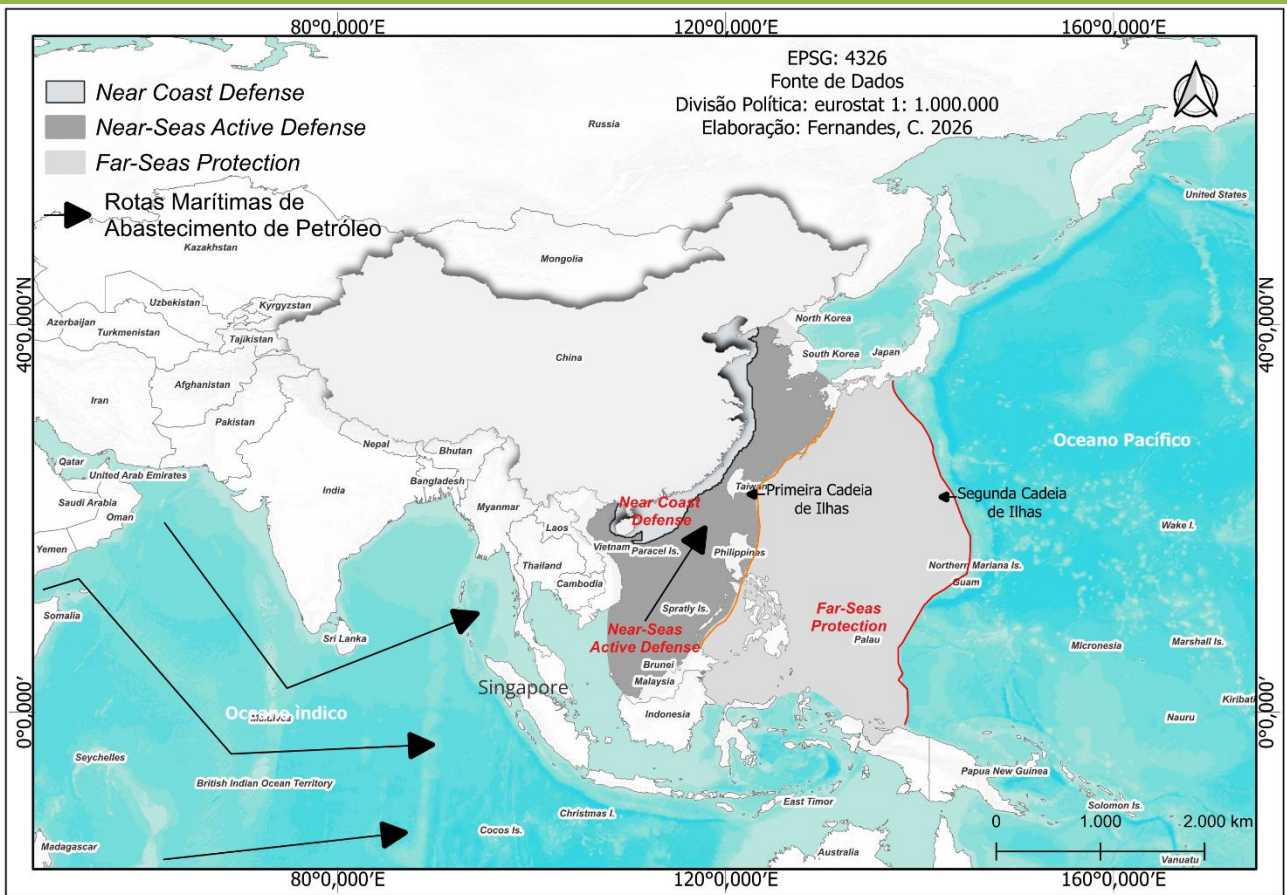


Figura 1 – Expansão da Doutrina Naval Chinesa: “Near Seas” vs. “Far Seas”.
Fonte – Erickson; Collins (2012).

Nesse contexto, o comportamento da China tende a reconfigurar as dinâmicas de poder no cenário internacional, além de garantir a segurança de suas rotas comerciais. Essa transição é de caráter estrutural, possibilitando ao país realizar operações em zonas geograficamente distantes, tais como regiões estratégicas no Oceano Índico e leste do Pacífico, o que amplia de maneira concreta a sua presença naval global (O'rourk, 2025). De modo a sintetizar a evolução da estratégia naval chinesa nas últimas décadas, destaca-se o Quadro 2, abaixo:

Quadro 2: Fases Comparativa das Doutrinas Navais da China

Fase	Período Aproximado	Área de Atuação	Objetivo Principal	Capacidades Militares Envolvidas
Near-Coast Defense	1949 – Meados da década de 1980	Litoral imediato da China	Defender a Costa continental e apoiar operações terrestres	Canhoneiras, barcos torpedeiros, pequenas embarcações de desembarque (curto alcance e baixa autonomia) Corvetas; capacidades

				navais limitadas
Near-Seas Active Defense	Meados da década de 1980 – início dos anos 2000	Mar Amarelo, Mar da China Oriental e Mar do Sul da China	Expandir a defesa para os mares próximos; dissuadir movimentos separatistas em Taiwan e proteger direitos marítimos	Fragatas, destróieres, submarinos diesel-elétricos, barcos lança-mísseis; introdução de mísseis de cruzeiro antinavio; integração de aviação naval e sistemas de alerta antecipado.
Far-Seas Operations	Início dos anos 2000 – presente	Além da primeira cadeia de ilhas: Pacífico Ocidental, Oceano Índico, Golfo de Áden, partes do Ártico	Projetar Poder em escala global; proteger interesses estratégicos e rotas comerciais no exterior	Porta-Aviões, submarinos nucleares de ataque e mísseis balísticos, destróieres avançados, navios anfíbios e bases navais no exterior.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Li (2009).

Diante disso, entende-se que a transição da doutrina naval da China não se manifesta isoladamente, mas como resultado de respostas e percepções frente à fatores vulneráveis, de oportunidades e de interesses estratégicos em plena expansão. Visando comprovar a referida atuação do país, destacam-se recentes exercícios militares chineses que expõem factualmente a transição da doutrina naval da China para a *Far-Seas Protection*. Entre 17 e 31 de dezembro de 2022, através de exercícios realizados pelos seus porta-aviões *Liaoning*, e entre 05 e 24 de abril de 2023, com seu segundo porta-aviões, o *Shandong*, Pequim mobilizou seus ativos militares para regiões ainda não exploradas pela marinha (Symon, 2023). Já em 2025, essas operações ganharam outra dimensão, quando em maio e junho deste ano, ambos os porta-aviões foram vistos em operação simultaneamente em águas próximas a Iwo Jima, a 1200 km ao sul de Tóquio e na mesma operação, próximo a Guam, ilha dos EUA e uma das principais bases militares dos EUA no Pacífico. Cabe destacar que o terceiro porta-aviões chinês, o *Fujian*, está em testes de mar e deverá ser incorporado em breve às operações militares do país, possibilitando uma capacidade de projeção de poder inédita para a China (Yamaguchi; Rising, 2025).

Esses exercícios colocam em evidência o uso dos porta-aviões em locais distantes da costa chinesa, com operações marítimas no sul do Japão, Leste de Taiwan e, também, nas imediações das Ilhas Marianas (EUA). Esses movimentos confirmam a expansão marítima de Pequim e a maximização assertiva de sua estratégia naval na geoestratégia indo-pacífico. Tais ações operacionais que se tornaram constantes nos últimos anos,

ratificam a interpretação de Holmes e Yoshihara (2018) quanto à visão da China para o ambiente marítimo, visto que o país reconhece o mar como um território vital de rivalidade entre grandes potências. Constitui-se, portanto, uma operação naval muito bem elaborada com a orientação estratégica visivelmente alinhada com a *Far-Seas Protection* corroborando com os apontamentos de Erickson e Goldstein (2009).

Segundo O'Rourke (2025), nos últimos 30 meses, a China executou um volume de desdobramentos navais comparado com o que executou nas últimas três décadas anteriores. Esse progresso operacional demonstra a efetividade do desenvolvimento naval do país e ratifica uma doutrina geopolítica ambiciosa que pretende transformar a balança de poder nas águas azuis. Contudo, a projeção naval da China em regiões geoestratégicas como Ásia — Pacífico, África e Oriente Médio, por sua vez, carece de uma maior estruturação de seus meios, sustentada por recursos logísticos e visão geopolítica clara (O'rourke, 2025).

Portanto, nota-se que existe não somente uma expansão gradativa do projeto geoestratégico da China, mas também a consolidação de um projeto marítimo orientado para sua autodefesa. Esse estágio é perceptível ao se analisar as fases da doutrina estratégica naval do país. Logo, a trilha percorrida pela MELP comprova que a doutrina naval do país se origina tanto a partir de respostas técnicas às suas lacunas do passado, quanto na busca por uma doutrina clara dos anseios chineses nas águas marítimas globais.

3.2. Rumo ao Horizonte Azul: as Direções Estratégicas Chinesas no Tabuleiro Marítimo Global

Como observado, a expansão Naval da China alinha-se a um plano estratégico mais abrangente do país para fortalecer sua presença marítima em águas globais. Nesse contexto, os esforços de Pequim em transformar suas capacidades navais estão de acordo com os objetivos econômicos e diplomáticos de sua política externa, em um movimento assertivo, conjugado ao projeto da chamada iniciática do “Cinturão e Rota” (*Belt and Road Initiative*).

A partir da materialização da *Far-Seas Protection*, com a expansão de sua força naval, a Marinha Chinesa passou a contar com condições de salvaguardar a segurança das linhas marítimas estratégicas para sua economia, e intervir caso necessário. Este entendimento é reforçado por Scott (2017), que destaca a doutrina marítima da China em direção ao Oceano Índico, como uma articulação entre duas vertentes: uma voltada para incorporar a Marinha de dois oceanos e outra orientada para a projeção marítima da Rota da Seda.

Contudo, segundo Rice e Robb (2021), embora a ambição do país seja pretensiosa, alguns pontos em relação à “Proteção dos Mares Distantes” parecem estar longe do controle da China, haja vista a dependência do país nas alianças estratégicas, condições políticas e variáveis geopolíticas externas. Comparado aos EUA, a China não construiu uma série de bases militares para apoiar sua frota em outros países, tal qual os estadunidenses fizeram ao longo dos últimos 80 anos. É necessário romper com o paradigma de que a China é uma força naval consolidada e que consegue atuar sozinha, sobretudo, quando é inserida a pouca experiência de sua marinha em conflitos de guerra.

Essa perspectiva, sob a ótica estratégica da natureza defensiva, ainda que de caráter reativo, não inviabiliza a busca por soluções em capacidades militares avançadas de projetar poder, sobretudo no campo naval. Diante desse contexto, Rising e Tang (2024) afirmam haver fortes indícios de avanço na construção do primeiro porta-aviões de propulsão nuclear, devido ao desenvolvimento de um protótipo de reator nuclear utilizado em navios de guerra. Essa hipótese parece se confirmar, já que a construção de um navio com essas características foi observada no estaleiro de Dalian, em agosto de 2025 (Poder Naval, 2025). O novo navio, com o projeto chamado de *Type 004*, potencializa consideravelmente a projeção de atuação em águas azuis e configura a concepção de defesa ativa, visto que, embora não gere agressão, eleva o poder de resposta e influência geopolítica de Pequim.

Nesse contexto de expansão da presença naval, a estratégia *Far-Seas Protection* representa a materialização mais audaciosa de Pequim, quando articula a segurança marítima com a capacidade de projetar poder e defender os interesses econômicos mundiais. Contudo, Xiaosong (2023), explica que proteger os mares distantes, não depende somente de uma orientação estratégica com bases em doutrinas, mas sobretudo no desenvolvimento de plataformas navais, capacitadas para garantir operações em regiões distantes. Nesse sentido, a construção dessas plataformas singulares, como submarinos e porta-aviões de propulsão nucleares, são fundamentais para as operações estratégicas da doutrina *Far-Seas Protection* e para os interesses do país em projetar poder em águas oceânicas.

De modo a demonstrar a importância das plataformas navais para a doutrina marítima chinesa, apresenta-se o Quadro 3 a seguir, o qual apresenta as principais plataformas navais da RPC, representativas de sua modernização e compromisso com a *Far-Seas Protection*.

Quadro 3: Plataformas Navais Estratégicas da China.

Tipo de navio	Exemplo de Classe	Quant.	Função estratégica	Alcance estimado	Observações
Porta-aviões	Liaoning Shandong, Fujian	3	Projeção de poder aéreo-naval	Global	Parte central da Far-Seas Protection
Contratorpedeiros pesados	Type 055	8	Defesa aérea e comando de frota	Longo alcance	Capaz de acompanhar porta-aviões
Submarinos nucleares	Type 094 (SSBN)	6	Dissuasão estratégica (mísseis balísticos)	Global	Parte da tríade Nuclear
Navios de desembarque	Type 071	8	Projeção anfíbia	Médio alcance	Usados para Operações em Ilhas
	Type 075	4			
Navios Tanque	Type 903A	12	Reabastecimento de combustível e suprimentos	Longo alcance	Usados para reabastecer navios em operações distantes
	Type 901	4			

Fonte: Elaborado pelos autores (2025). Adaptado de Center For Strategic And International Studies (CSIS). ChinaPower Project (2023).

Conforme observado acima, as principais plataformas da China para intensificar suas operações navais em águas azuis são seus três porta-aviões (*Liaoning*, *Shandong* e *Fujian*), ao passo que os contratorpedeiros *Type 055* exercem o papel de escolta desses navios, com a responsabilidade na defesa antiaérea e no comando estratégico da tarefa naval. Já os submarinos nucleares *Type 094* fortalecem a capacidade estratégica de ação global, como parte da força de dissuasão nuclear do país. Quanto aos navios de desembarque *Type 071* e *Type 075*, são responsáveis pelas operações anfíbias em zonas litorâneas e insulares, podendo ser utilizados como plataformas de controle de área em regiões contestadas. Por fim, os navios tanque *Type 903A* e *Type 901* compõem a espinha dorsal logística para a frota, podendo ressuprir de combustível, armas e víveres os demais navios em operações de longo curso, tornando-se essenciais para a projeção em mares distantes.

Essa transformação das plataformas navais da China está conectada com a doutrina mais ampla do Partido Comunista Chinês (PCCh) e sua estratégia de ampliar as operações da China no campo marítimo e, para isso, apoia-se no fortalecimento da indústria naval, na gestão estratégica portuária, e no investimento de infraestrutura marítima. Em muitos casos, desafia as normas internacionais, institucionalizadas pelas potências Ocidentais, a

exemplo dos Estados Unidos e seus aliados (O'ROURKE, 2025).

O Avanço da agenda marítima da China, sustenta-se por diretrizes estratégicas que norteiam a projeção naval da China. Nesse contexto, as doutrinas navais da MELP sinalizam a necessidade de reorientação estratégica a longo prazo, e implicam não somente em aperfeiçoar as suas capacidades da sua frota de superfície, mas sobretudo em desenvolver capacidades logísticas em um contexto de expedições (Rice; Robb, 2021). Contudo, esse avanço enfrenta algumas lacunas estruturais e operacionais, que limitam integrar completamente a terceira fase da doutrina naval da China: *A Far-Seas Protection*. O Quadro 4 abaixo sinaliza essas lacunas.

Quadro 4: Limitações Atuais da Marinha Chinesa.

Aspectos	Limitações / Fraquezas
Operações conjuntas	Dificuldades de integração com outras forças armadas chinesas
Guerra antissubmarino (ASW)	Capacidades operacionais atualmente insuficientes
Seleção de alvos de longo alcance	Eficiência Limitada
Reabastecimento em alto-mar	Restrita capacidade de apoio em navios longe das águas territoriais
Bases e apoio no exterior	Número enxuto de instalações estratégicas
Treinamento de pessoal	Necessidade de qualificação para maior número de tripulantes
Comando e controle	Suboficiais pouco capacitados para executar Nova Funcionalidade.
Transparência e planejamento	Ausência de metas claras e divulgação sobre aquisições e força naval

Fonte: Elaborado pelo autor, com base O'Rourke (2025).

Com base no modelo histórico-comparativo, observa-se que, embora a China tenha avançado da *Near-Coast Defense* para a *Far-Seas Protection*, persistem limitações em áreas cruciais como operações conjuntas, guerra antissubmarino e logística. Deve-se notar que a China mantém operacional apenas duas bases navais fora de seu território, uma em Djibouti, inaugurada em 2017, e outra no Camboja, recentemente ampliada, em 2025. Além delas, existem planos para instalações no Paquistão, Sri Lanka e Guiné Equatorial, reforçando seus compromissos com o Indo-Pacífico e atingindo até o Atlântico. Esses desafios refletem que a evolução da doutrina naval ainda enfrenta barreiras estruturais, exigindo aprimoramentos para sustentar a projeção global de poder. Nessa perspectiva, tais limitações operacionais não invalidam a estratégia em andamento, mas ratificam os desafios operacionais e demandam avanços contínuos e estruturais.

Por fim, segundo Rice e Robb (2021), a doutrina da MELP, baseada na defesa dos

mares próximos e na proteção dos mares distantes, aponta para um reposicionamento estratégico de longo prazo que exigirá não somente o fortalecimento da frota de superfície, mas também o aprimoramento de capacidades expedicionárias. A incorporação de porta-aviões como elementos centrais da força marítima ilustra essa transição, exigindo novos conceitos operacionais para garantir operações coordenadas, seguras e eficazes em teatros distantes. A China, portanto, não apenas amplia sua presença, mas estrutura uma marinha com vocação global e capacidade de dissuasão duradoura.

4. Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender a trajetória de transformação da estratégia naval da China, evidenciando que a expansão do poder marítimo chinês não constitui fenômeno recente ou reativo, mas sim o resultado de um planejamento estratégico de longo prazo, cuidadosamente articulado desde a década de 1980. A Marinha do Exército de Libertação Popular (MELP) percorreu um caminho gradual e planejado, partindo da defesa costeira (*Near-Coast Defense*), avançando para a defesa ativa dos mares próximos (*Near-Seas Active Defense*) e, finalmente, alcançando a atual fase de proteção dos mares distantes (*Far-Seas Protection*). Cada etapa representou não apenas ampliação geográfica, mas também complexificação operacional e tecnológica.

O papel do Almirante Liu Huaqing mostrou-se fundamental para essa reorientação, rompendo com a tradição de "Grande Infantaria" e introduzindo a visão de uma marinha capaz de projetar poder para além das águas territoriais, inclusive com a incorporação de porta-aviões como elemento central da frota. A expansão marítima da China está diretamente conectada aos seus interesses econômicos globais, especialmente no contexto da Iniciativa do Cinturão e Rota (*Belt and Road Initiative*), sendo a proteção das rotas comerciais e a garantia de acesso a recursos estratégicos os motivadores centrais da projeção naval chinesa.

O desenvolvimento de plataformas navais de grande porte, como os porta-aviões *Liaoning*, *Shandong* e *Fujian*, os contratorpedeiros *Type 055*, os submarinos nucleares *Type 094* e os navios tanque *Type 903A* e *Type 901*, conferem à China capacidades inéditas de atuação em águas azuis, aproximando-a do status de "marinha global". Contudo, apesar dos avanços, a pesquisa identificou gargalos estruturais e operacionais que ainda desafiam a consolidação plena da *Far-Seas Protection*, tais como dificuldades em operações conjuntas, capacidades limitadas de guerra antissubmarino,

restrita logística de reabastecimento em alto-mar, número reduzido de bases de apoio no exterior e necessidade de qualificação de pessoal.

A presença naval chinesa em regiões estratégicas como o Mar do Sul da China, o Oceano Índico e o Pacífico Ocidental reconfigura as dinâmicas de poder regional e global, desafiando a hegemonia marítima tradicionalmente exercida pelos Estados Unidos e seus aliados. Os exercícios militares com porta-aviões próximos ao Japão e a Guam ilustram essa nova realidade, demonstrando a capacidade crescente de Pequim de operar em áreas distantes de seu litoral.

A ascensão do "dragão marinho" chinês representa, portanto, mais do que a modernização de uma frota: traduz a materialização de uma visão geopolítica que posiciona o poder naval como instrumento central da afirmação internacional da China. Pequim não apenas busca proteger seu território e águas adjacentes, mas também projetar influência e garantir seus interesses em escala global. Entretanto, o caminho percorrido até aqui não deve sugerir uma trajetória linear e livre de obstáculos, pois as limitações operacionais identificadas indicam que a consolidação da China como potência marítima global demandará investimentos contínuos em tecnologia, logística, treinamento e capacidade de aprendizado institucional com as experiências acumuladas em operações cada vez mais complexas e distantes.

Por fim, o desenvolvimento da MELP projeta-se como elemento central do equilíbrio de poder no século XXI, impondo aos demais atores internacionais a necessidade de compreender as motivações, os limites e as implicações da estratégia naval chinesa. Cabem a estudos futuros aprofundar a análise comparativa com outras potências marítimas, investigar os desdobramentos específicos em regiões como o Oceano Índico ou o Ártico, e avaliar o impacto das novas tecnologias, como sistemas não tripulados e inteligência artificial, na evolução da doutrina naval da China.

REFERÊNCIAS

COLE, B. D. The history of the twenty-first-century Chinese navy. **Naval War College Review, Newport** v. 67, n. 3, p. 43-62, 2014.

CHINA. **China's military strategy**. Beijing, CN: State Council Information Office of the People's Republic of China, 2015.

CHINA. **Full Text: China's National Defense in the New Era**. 2019. Beijing, The State Council Information Office of the People's Republic of China. Disponível em: https://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/201907/24/content_WS5d3941ddc6d08408f502283d.html. Acesso em: 12 mai. 2025.

CSIS. Center For Strategic And International Studies. **China Power Project**. Disponível em: <https://chinapower.csis.org/china-naval-modernization/>. Acesso em: 19 mai. 2025.

ERICKSON, A; COLLINS, G. Near Seas “Anti-Navy” Capabilities, Not Nascent Blue Water Fleet, Constitute China’s Core Challenge to U.S. and Regional Militaries. **China SignPost**, n. 96, 2012.

ERICKSON, A. S.; GOLDESTINE, L. J. **China goes the sea**: maritime transformation in comparative historical perspective. Annapolis: Naval Institute Press, 2009. 526p.

GALANTE, A. Liu Huaqing: O ‘Pai do Porta-Aviões Chinês’ e a visão que transformou a Marinha da China. **Poder Naval**, 1 de novembro de 2024. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2024/11/01/liu-huaqing-o-pai-do-porta-avioes-chines-e-a-visao-que-transformou-a-marinha-da-china/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

HARTNETT, D. **The father of the modern chinese navy** - Liu Huaqing. Center for International Maritime Security. CIMSEC. 2014. Disponível em: <http://cimsec.org>. Acesso em: 17 mai. 2025.

HOLMES, J. R.; YOSHIHARA, T. **Red star over the Pacific**: China’s rise and the challenge to U.S. maritime strategy. Annapolis: Naval Institute Press, 2018.

LI, N. The evolution of China's naval strategy and capabilities: from “near coast” and “near seas” to “far seas”. **Asian Security**. Nova Iorque, v. 5, n. 2, p. 144-169, 2009.

LI, N. The evolution of China’s naval strategy and capabilities: from “near coast” and “near seas” to “far seas”. In: SAUNDERS, Phillip C. **The Chinese Navy: expanding capabilities, evolving roles**. Washington: National Defense Press, 2011. capítulo 5. p. 109-140

O’ROURKE, R. China Naval Modernization: Implications for U.S. Navy Capabilities—Background and Issues for Congress. Washington, D.C.: **Congressional Research Service**, 9 abr. 2010. Disponível em: <https://www.congress.gov/crs-product/RL33153>. Acesso em: 24 mai. 2025.

PODER NAVAL. Imagens sugerem início da construção do quarto porta-aviões chinês no Estaleiro de Dalian. **Poder Naval**. 07 de agosto de 2025. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2025/08/07/imagens-sugerem-inicio-da-construcao-do-quarto-porta-avioes-chines-no-estaleiro-de-dalian>. Acesso em 08 de agosto de 2025.

RICE, J.; ROBB, E. **CMSI China Maritime Report #13**: “The Origins of ‘Near Seas Defense and Far Seas Protection’”. Andrew S. Erickson, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.andrewerickson.com/2021/02/cmsi-china-maritime-report-13-the-origins-of-near-seas-defense-and-far-seas-protection>. Acesso em: 17 mai. 2025.

SCOTT, D. Chinese Maritime Strategy for the Indian Ocean. **Center for International Maritime Security**, 2017. Disponível em: <https://cimsec.org/chinese-maritime-strategy-indian-ocean/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

SYMON, D. People’s Liberation Army (PLA) Navy – Carrier Group Exercises in the West Pacific. @detresfa_, **Twitter**, 26 maio 2025. Disponível em: https://twitter.com/detresfa_/status/1663606485509152768. Acesso em: 17 mai. 2025.

XIAOSONG, S. (Ed.). **Science of military strategy**. Beijing: Military Science Press, 2013. P. 208.

YAMAGUCHI, M.; RISING, D. Why 2 Chinese Aircraft Carriers Are Operating in The Pacific Together For The First Time. **APNEWS**. 12 de junho de 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/japan-china-aircraft-carriers-pacific-military-explainer-9ff9ec57e0721dbcf11f88939a1f3fa8>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Recebido: 17/06/2026

Aceito: 20/08/2026